

Diversão na mira

Vários brinquedos são perigosos demais para estar nas mãos das crianças: não pelo modo como são usados, mas por serem mal concebidos ou fabricados com pouco cuidado

Para saber o que as crianças querem no sapatinho, o melhor é ir à fonte. Foi o que fizemos. Como queríamos saber a opinião de miúdos até 3 anos – o público-alvo da nossa investigação – ficámos um pouco mais limitados ao nível da comunicação. Em regra, só a partir dos 2 anos as crianças conseguem entender melhor o conceito de presente e indicar o que gostariam de receber. Mas não desistimos e lá conseguimos que partilhassem os seus desejos para o próximo Natal.

Após alguns momentos de timidez e tempo para que se sentissem um pouco mais à vontade, perguntámos à Carolina e ao Filipe, ambos com 3 anos, e ao Guilherme, com 2 anos, que presente gostariam que os pais lhes dessem. Em voz baixa, para que a mãe que estava perto não ouvisse, o Filipe respondeu que queria uma bola grande. Já o Guilherme, entusiasta dos comboios, não hesitou em indicar o brinquedo da ▶

EM DESTAQUE

- Teste a 31 brinquedos para crianças até 3 anos ou que não mencionavam a idade a que se destinavam
- Provas a que são sujeitos os produtos no laboratório
- Dicas para escolher brinquedos seguros



As costuras desta boneca não resistiram aos puxões com uma força idêntica à de uma criança, infligidos pela máquina de teste

► sua preferência. Quanto à Carolina, princesa como é, pediu uma boneca “da Elsa” que, para quem não identifica de imediato, corresponde a uma das princesas do filme Frozen.

Depois de saber o que a Carolina, o Filipe e o Guilherme querem, procurámos ajudar os pais a oferecer-lhes o que pedem. Após

vários anos a testar brinquedos e a publicar os resultados na PROTESTE, sabemos que, com mais frequência do que seria desejável, existem produtos perigosos para as crianças, sobretudo para as mais novas, que, além de mais vulneráveis, ainda não conseguem identificar alguns perigos.

Com esta preocupação em mente, falámos

com Teresa Belchior, a nossa especialista em segurança e a quem propusemos ir às compras. Fomos a várias lojas procurar não só os brinquedos que os nossos pequenos entrevistados pediram, mas também outros que lhes pudessem agradar. Único critério: serem atrativos e poderem interessar a crianças até 3 anos.

O NOSSO ALERTA



Teresa Belchior
Responsável pelo estudo
A mudança deste panorama começa nos fabricantes

A segurança dos brinquedos começa nos fabricantes. Estes só devem vender produtos seguros em todos os aspetos previsíveis. Mas, tanto ao nível da segurança como da rotulagem, nem sempre assim acontece. Não será por má-fé ou por falta de noção da importância das regras de segurança, mas por não seguirem padrões de fabrico exigentes ou não exercerem um controlo responsável. Defendemos que o comportamento recorrente destes maus representantes da indústria dos brinquedos deve ser sancionado. Torna-se necessária uma

alteração legal que o permita e determine sanções progressivas para os reincidentes. Defendemos ainda o desenvolvimento de uma base de dados europeia sobre acidentes provocados por brinquedos. Os resultados obtidos poderiam ajudar a definir uma política mais dirigida.

Resta saber que medidas contam a ASAE e a Direção Geral do Consumidor tomar após receberem os resultados dos nossos testes. Mais do que nós, os consumidores têm o direito de saber.

15 BRINQUEDOS A NÃO COMPRAR



Tanque Funny Tank (sem marca)
Peças pequenas e pontas aguçadas
€ 5,95

Colar de flores (Tiger)
Peças pequenas
€ 1

Acessórios de cozinha (Fantastiko)
Peças pequenas
€ 2,25

Bola mapa mundo (sem marca)
Peças pequenas e plástico muito fino, sem perfurações
€ 3,50

Jogo de pesca (sem marca)
Peças pequenas e cordão sem sistema de quebra entre fixações
€ 2,25

Airbus Happy Trip (sem marca)
Peças pequenas
€ 2,75

Pistola bolas de sabão com luz (Erjutoys)
Peças pequenas
€ 2,50

Carros City Racer (sem marca)
Peças pequenas
€ 2,50

Veículos de emergência (Fastlane)
Peças pequenas
€ 9,99

Animais em vinil (Kios corner)
Plástico muito fino, sem perfurações
€ 2,75

Malinha (Popota)
Cordão sem sistema de quebra entre fixações
€ 1,99



Destruir para analisar

Visitámos diferentes tipos de lojas. Fomos às que são especializadas em brinquedos e às que vendem uma variedade de produtos a preços mais baixos. Sempre que nos deparámos com algum produto sem idade mínima recomendada ou que, pelas suas características e por estar junto a brinquedos, poderia levar um adulto a comprá-lo para oferecer aos mais pequenos, também o juntámos à nossa lista. No final, conseguimos um cabaz de 31 brinquedos diferentes.

O passo seguinte foi levar tudo para um laboratório certificado, habituado a analisar e a ensaiar brinquedos: a forma mais rigorosa de avaliar os riscos que poderiam apresentar. É estranho ver objetos que costumam morar nas mãos das crianças a serem colocados em máquinas que se encarregam de os puxar, apertar, deixar cair ou até incendiar. Mas tudo isto é por uma boa razão: garantir que os mais novos podem brincar sem se magoarem na próxima vez que receberem um presente.

Perigos em 15 produtos

Findos os testes e chegados os resultados, a desilusão: dos 31 brinquedos que enviámos para o laboratório, 15 chumbaram ▶

Carruagem Magic Wagon (sem marca)

Peças pequenas, pontas aguçadas e plástico muito fino, sem perfurações

€ 7,50



Boneca de tecido (You & Me)

Peças pequenas

€ 12,99

Urso de corda (Tobar)

Peças pequenas

€ 3,95

Macaco para bolas de sabão (Sizzlin Cool)

Peças pequenas

€ 4,99

COMO TESTAMOS

Em laboratório, os brinquedos foram sujeitos a provas que simulam as brincadeiras normais das crianças.



Ensaio de impacto



Cilindro de peças pequenas



Ensaio de imersão



Ensaio de tração: resistência das costuras e acesso ao enchimento



Verificação de pontas aguçadas



Análise do tipo, da espessura e da perfuração do plástico da embalagem

Dependendo do tipo de brinquedo, podem ser necessários 15 ensaios diferentes, para avaliar a segurança. Torque, tensão, queda, impacto, tração ou presença de pontas aguçadas são alguns exemplos de testes. Nos produtos destinados a menores de 36 meses, poderá ainda ser necessário proceder a provas de inflamabilidade (se forem em tecido), químicas e ruído.

Com a ajuda de diferentes aparelhos de medida, verificámos se os brinquedos apresentam risco de sufocação, asfixia ou ferimentos devido à existência de pequenas peças que podem ser facilmente engolidas ou inaladas pelos mais novos. Também vimos se contêm pontas aguçadas ou bordos cortantes e peças ou partes que possam vir a constituir pedaços pequenos.



PROTESTE ENTREVISTA

MARTA ROSA

TÉCNICA SUPERIOR

Trabalha no Setor da Atividade Lúdica do Instituto de Apoio à Criança (IAC)

“É fundamental os brinquedos indicarem a idade a partir da qual são recomendados”

Qual a experiência do IAC, e em particular a sua, na avaliação pedagógica de um brinquedo?

Desde a sua criação, há cerca de 30 anos, o IAC tem como preocupação defender todos os direitos da criança, incluindo o de brincar. Um dos primeiros setores a ser criado foi, precisamente, o da atividade lúdica. A Dr.ª Natália Pais, a fundadora desse setor, foi pioneira em Portugal na defesa do direito de brincar. A minha experiência aqui começou com as ludotecas, o que me ajudou a desenvolver a avaliação dos brinquedos, porque abordamos essa parte com os técnicos. O trabalho com a DECO serviu para crescermos mais um pouco. Geralmente, quando fazemos avaliações de brinquedos, há uma seleção prévia e aqueles que são muito maus não passam pelas nossas mãos. Desta vez, tivemos a perspectiva do muito mau. Foi enriquecedor.

Do ponto de vista pedagógico, o que deve ter um brinquedo para uma criança até 3 anos?

Os brinquedos para os mais novos que tenham luzes, sons e que exijam a interação são fundamentais. Lembro-me das mesas de atividades que incluem encaixes, sons e luzes. Este tipo de brinquedos estimulam a aprendizagem das crianças e são muito pedagógicos. Se tiverem a robustez correta e o material adequado, excelente. Mas se o material for de fraca qualidade,

podem tornar-se perigosos e é melhor não comprar. Os consumidores devem ter muita atenção. Se é do conhecimento de muitas pessoas que se deve evitar os produtos com peças pequenas, nem todas se lembram de que, por exemplo, num peluche, se os olhos de plástico, estiverem mal presos (sem uma mola), podem ser arrancados com facilidade. De um momento para o outro, passa-se a ter dois pedaços pequenos, que podem ser engolidos. São estas coisas que os pais, por desconhecimento, nem sempre têm o cuidado de analisar na altura da compra.

Considera que deveria ser obrigatório o fabricante indicar a idade mínima recomendada?

A idade é fundamental para que se possa perceber para quem é adequado um brinquedo. Quando a lei tinha por base uma idade, fazia-o tendo em conta as características psicológicas e as capacidades físicas. Isso é muito importante. Estar a pôr um limite de idade não faz sentido. Mas “a partir de” é fundamental.

Com base na sua experiência, a idade recomendada pelos fabricantes, quando presente, é correta? Porquê?

Não, nem sempre concordamos com as idades indicadas. Aliás, achámos que a maioria dos brinquedos que analisámos para a DECO eram indicados para crianças de uma idade

inferior a 3 anos. Contudo, já uma vez nos deparámos com um produto que indicava ser para crianças a partir dos 4 anos e achámos que era melhor para os 5 anos. Não era por configurar perigo, mas pelo grau de dificuldade para uma criança de 4 anos. Um ano acima faz diferença.

Quais os aspetos mais perigosos que um brinquedo pode apresentar?

É necessária uma maior preocupação com as dimensões das peças. Estas podem ser engolidas, mas também colocadas no nariz ou nos ouvidos: as crianças são criativas. Ainda é preciso estar alerta para os brinquedos que se partem com facilidade. Podem dar origem a pedaços que perfuram ou cortam. Um dos brinquedos de plástico que analisei partiu-se com muita facilidade e a ponta que ficou era altamente cortante.

Mas não devemos ter preocupações só até aos 3 anos. A partir daí também é importante continuar a tê-las.

Que brincadeiras recomenda para os pais ou os educadores de menores de 3 anos?

O nosso país tem um clima agradável, mesmo no inverno. Há muitas brincadeiras que podem ser feitas no exterior com e sem brinquedos. Por exemplo, hoje vemos menos crianças a andar de bicicleta ou de skate. Mas estes são importantes para treinar o equilíbrio, o poder de decisão e aprender a arriscar. O encontro de gerações também é importante: com pais ou avós. É engraçado encontrar, hoje em dia, brincadeiras parecidas com as de antigamente. Por exemplo, quando um neto ensina o avô a lançar um dos peões de agora e o avô ensina a lançar o peão de guita.



► na segurança. Vários, ao cair ao chão, partem-se com facilidade, originando peças pequenas que os mais novos poderão colocar na boca. Algumas tinham bordos cortantes. As costuras de uma boneca (foto de abertura) rasgaram-se com um puxão, deixando o enchimento acessível. Nas mãos de uma criança, este pode ser retirado com facilidade e colocado na boca, asfixiando-a.

Verificámos ainda que o preço dos brinquedos não justifica as falhas encontradas. Na verdade, há brinquedos caros com falhas, tal como há baratos que são seguros e respeitam as normas.

As análises revelaram ainda falhas nos rótulos. Alguns produtos não têm informações em português e a outros faltam avisos de segurança importantes. É o caso de alguns que indicam não serem adequados para crianças até uma certa idade, mas omitem os riscos associados. Na verdade, para estarem à venda na União Europeia, os brinquedos têm de ostentar a marcação CE. Mas esta apenas indica que o produto cumpre as normas de segurança europeias: não garante que o brinquedo é seguro. Além de estas normas terem muitas lacunas, não contemplam alguns aspetos técnicos e excluem produtos que deveriam ser considerados brinquedos, mas não o são, como as joias de fantasia. Mais: esta marcação é colocada pelo fabricante sem haver qualquer controlo ao nível do cumprimento dos requisitos de segurança. Mesmo assim, sendo obrigatória, tem de constar dos brinquedos. Não foi o que aconteceu com dois analisados.

Quisemos conhecer o interesse pedagógico e para que idade eram recomendados os brinquedos, pelo que contactámos o Instituto de Apoio à Criança. Falámos com Marta Rosa (ver entrevista na página ao lado), uma das técnicas que analisou os brinquedos, que, em pequena, sofreu na pele os problemas que estes podem causar. Aos 11 anos, colocou o peão de um jogo de tabuleiro na boca. Na brincadeira com uma amiga, aquele ficou preso na traqueia. Num curto espaço de tempo, asfixiou e perdeu a consciência. Valeu-lhe a assistência de um casal de vizinhos, ambos médicos, que a reanimaram e mantiveram viva até à chegada do INEM. Talvez por isso Marta defenda a necessidade de uma maior preocupação com a dimensão das peças mais pequenas dos brinquedos.

Escolher com atenção

Por uma questão de segurança, o melhor é os pais terem cuidados redobrados quando escolhem brinquedos. Opte por produtos adequados à idade e ao desenvolvimento da criança a que se destina. Com frequência, influenciados pela publicidade, os mais novos pedem brinquedos que ainda não são adequados à sua faixa etária.

BOAS SOLUÇÕES PARA O SAPATINHO

Estes brinquedos passaram nas provas com distinção.



Antes de comprar, leia os avisos e as instruções. Se estes não existirem nem estiverem em português, procure outro brinquedo. Na loja, passe a mão pelas arestas, pontas e bordos. Se o brinquedo se destinar a um menor de 3 anos, verifique se existem peças pequenas que saiam com facilidade (por exemplo, rodas, olhos ou pelos). Nos bonecos com costuras, certifique-se de que estão bem cosidas e de que a criança não tem acesso ao enchimento.

A bola que testámos não era segura para o Filipe e não encontramos um comboio à medida dos gostos do Guilherme. Já para a Carolina, não conseguimos a princesa do Frozen, mas encontramos algumas bonecas seguras e uma a evitar. Estamos certos de que os pais do Filipe, do Guilherme e da Carolina irão seguir os conselhos que aqui deixamos, para que os nossos recentes amigos encontrem o que mais desejam no sapatinho, este Natal. ■



Sem marcação CE, a buzina (€ 3,50) e o trator (€ 3,95) não deviam estar à venda. O primeiro também é perigoso pelo ruído elevado que produz

SAIBA MAIS

www.deco.proteste.pt/criancas-seguras
Cadeiras de criança, fraldas ou escola: as nossas dicas para cuidar melhor dos mais novos lá de casa.